

## CLUBE DO LIVRO COMO DISPOSITIVO DE ESCUTA E ELABORAÇÃO SIMBÓLICA: UM RELATO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

SIMONE BATISTA DA SILVEIRA<sup>1</sup>; MARIA EDUARDA SILVEIRA DO NASCIMENTO<sup>2</sup>; SABRINA PECCIN FREITAS<sup>3</sup>; ENZZO MALLCON GONÇALVES<sup>4</sup>; MARIA HELOISA GERVAZIO LOPES<sup>5</sup>; LUCAS NEIVA-SILVA<sup>6</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – simonebsilveira1@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – snascimentoeduarda1@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – speccinfreitas2@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – enzzomalcon@hotmail.com*

<sup>5</sup>*Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – heloisagervazio@gmail.com*

<sup>6</sup>*Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – lucasneivasilva@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O grupo PET Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no ano de 2025, propôs como uma das atividades de extensão a realização de um clube do livro. A proposta foi a leitura e discussão conjunta do livro “A gente mira no amor e acerta na solidão”, da psicóloga e psicanalista Ana Suy (2022). A atividade buscou articular duas frentes principais: (1) a criação de um espaço de escuta e troca entre participantes diversos e (2) a experiência de diálogo sobre a psicanálise fora dos moldes acadêmico-clínicos tradicionais.

Segundo Lacan (1967), a transmissão da psicanálise não se reduz ao ensino formal ou à formação didática, mas implica na criação de espaços simbólicos em que o sujeito possa ser convocado à fala e à elaboração. O autor diferencia a psicanálise “em extensão” daquela “em intenção”, defendendo que a primeira opera como forma de presentificar a psicanálise no mundo. Nessa perspectiva, o clube do livro pode ser compreendido simultaneamente como um dispositivo de extensão universitária e como uma manifestação da psicanálise em extensão, nos termos propostos por Lacan, como um espaço de circulação, no qual se permite que a ética psicanalítica seja compartilhada por meio da leitura, da escuta e da elaboração coletiva.

Essa possibilidade de mediação simbólica entre experiência de leitura e elaboração já foi destacada por Freud (1907). Para o autor, a literatura tem o poder de tocar o inconsciente de forma indireta, revelando verdades que escapam à via conceitual e racional. O poeta, ou o escritor, ao explorar seus próprios conflitos e fantasias, também convoca o leitor a se implicar simbolicamente com o texto na experiência da leitura. Assim, a leitura de uma obra literária pode operar como um dispositivo de elaboração simbólica, favorecendo deslocamentos subjetivos e experiências de escuta.

O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência de extensão do clube do livro do PET Psicologia, compreendida como um espaço de escuta e elaboração simbólica de experiências subjetivas dos participantes, a partir da leitura compartilhada da obra “A gente mira no amor e acerta na solidão” (Suy, 2022). Além disso, propõe-se a discutir se o clube pode ser considerado um instrumento de diálogo sobre a psicanálise para além dos espaços tradicionais da universidade.

### 2. METODOLOGIA

A atividade foi desenvolvida como extensão universitária, pelo grupo PET Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) no primeiro semestre de 2025. O clube do livro teve duração de 8 semanas, com encontros semanais, iniciando em 20 de maio e terminando em 8 de julho. Os encontros foram realizados de forma online, através de uma plataforma com áudio e vídeo, com participação média de 21 pessoas por encontro. Participaram os PETianos, o professor tutor, estudantes de graduação da FURG e outras universidades de diferentes estados brasileiros, bem como a comunidade externa à universidade.

A mediação foi realizada pelos participantes do PET, articulando a leitura dos capítulos selecionados com provocações reflexivas e o estímulo à livre associação coletiva, incentivando os participantes a compartilharem suas experiências, interpretações e percepções. Os encontros foram estruturados em 4 momentos:

1. abertura do encontro: nesse momento era apresentada a dupla mediadora e o título dos capítulos que seriam discutidos.
2. reflexão inicial: eram apresentados estímulos artísticos (leitura de poema, texto ou vídeo), provocando a reflexão sobre os capítulos a serem discutidos e estimulando a participação sensível do grupo.
3. discussão dos capítulos: os mediadores propunham perguntas abertas e reflexivas para estimular as trocas e os participantes compartilhavam as suas percepções, favorecendo a construção coletiva de sentidos.
4. atividade de registro: ao final de cada encontro, os mediadores disponibilizavam um formulário online (via Google Forms) para que os participantes registrassem os afetos e reflexões mobilizados pela experiência coletiva.

A análise do material produzido nos murais virtuais foi conduzida em uma perspectiva qualitativa e interpretativa, mais interessada em apreender os efeitos de sentido gerados pela experiência do que em mensurar indicadores objetivos. O foco esteve na forma como o dispositivo convocou os participantes à simbolização e à elaboração de suas vivências, reconhecendo nos registros coletivos não apenas conteúdos manifestos, mas também formações simbólicas que remetem à dimensão inconsciente, permitindo observar deslocamentos subjetivos, ressonâncias afetivas e produções singulares de sentido.

### **3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS**

Ao longo dos encontros, foram elaborados quatro murais virtuais como forma de registro e estímulo à participação assíncrona. Esses murais receberam, respectivamente, 10, 3, 7, e 6 contribuições, totalizando 26 respostas. A maior parte das questões propostas era de caráter qualitativo, buscando provocar reflexões pessoais a partir dos temas discutidos e estimular a livre expressão dos participantes. As respostas apresentaram grande diversidade de percepções e associações, permitindo observar como o dispositivo fomentou múltiplas leituras e sentidos a partir de um mesmo ponto de partida. Essa dinâmica revelou tanto o engajamento dos participantes na elaboração conjunta quanto a riqueza das trocas possibilitadas pelo clube.

A escuta coletiva mostrou-se um dos principais eixos de potência dos encontros. Em diferentes momentos, os participantes relataram que a fala do outro funcionava como um espelho, provocando reflexões e deslocamentos

internos. Um(a) dos(as) participantes respondeu ao ser perguntado(a) sobre sua percepção do encontro: “[...]Me senti mais aberta e disposta a formular reflexões a partir de todas as outras perspectivas, perguntas e opiniões que apareceram ao longo dos discursos”. Outro(a) também afirmou: “Foi acolhedor ter um espaço para pensar os sentimentos de solidão e amor. Perceber que outros pensam parecido com o que eu sinto. Ou então perceber as diferenças entre as formas de encarar esses dois elementos”. Essa ressonância mútua entre as falas remete ao que Lacan (1967) propõe como condição para transmissão da psicanálise: o saber que se transmite não é o conteúdo técnico, mas a possibilidade de ocupação de um espaço simbólico em que algo possa ser dito, e efetivamente escutado.

O clube funcionou como um espaço de enunciação singular, sustentado por um texto literário que evocava afetos profundos, mas também por uma escuta coletiva que autorizava o dizer. Nesse contexto, a escuta do outro também funcionou como ponto de atravessamento: os encontros não exigiam respostas, mas ofereciam tempo e espaço para que cada um pudesse se afetar e produzir sentido a partir daquilo que a leitura suscitava. Esse fluxo coletivo de sentidos fica claro na resposta de um(a) participante sobre sua perspectiva do encontro: “Achei o encontro muito bom. Achei que ia ficar mais preso à ideia de amor romântico e fiquei feliz que a discussão foi pra um lado de amor platônico também”. Outro(a) participante também expressa esse efeito ao escrever: “Gostei bastante de ouvir perspectivas diferentes das que eu havia pensado enquanto lia, isso enriquece bastante as reflexões sobre o conteúdo”.

Para Freud, o escritor, assim como o analista, convoca o leitor a se implicar em suas próprias fantasias, memórias e conflitos (FREUD, 1907). No clube, essa convocação não se deu por interpretação técnica, mas pela mobilização de sentidos, sensações e afetos diante da leitura, favorecendo experiências de elaboração simbólica. Essa dimensão também pode ser relacionada ao que Freud (1937) descreve como trabalho de elaboração, no qual experiências e afetos são simbolizados e integrados, permitindo ao sujeito dar forma e sentido a conteúdos internos. No clube, essa função apareceu em respostas como as dadas à pergunta “O que é amor?”: “O amor é algo que acontece na presença de um outro, que nos faz ir além do nosso narcisismo e possibilita o encontro...” e “[...] Difícil de mensurar algo tão simbólico e com tantos significados em vida. Amor é muito mais que um sentimento pra mim, muito mais que dimensões do afeto, apego e desejo, mas também são as coisas simples do dia a dia que fazem a gente viver de uma forma mais leve. É tanto uma mistura de leveza quanto de intensidade”. Ao enunciar essa ideia, o(a) participante articula vivência e reflexão, deslocando a concepção de amor para além da idealização e aproximando-a da alteridade. Nesse sentido, o dispositivo do clube do livro possibilitou que conteúdos afetivos e subjetivos fossem simbolizados, cumprindo seu papel tanto como espaço de elaboração quanto como prática de transmissão da ética psicanalítica em extensão.

Os resultados observados indicam que o clube do livro alcançou as duas frentes propostas inicialmente: constituiu-se como um espaço de escuta e elaboração simbólica das experiências subjetivas mobilizadas pela leitura e discussão da obra, e funcionou como dispositivo de diálogo sobre a psicanálise em extensão, tal como proposto por Lacan (1967). A articulação entre texto

literário, mediação sensível e participação ativa criou condições para que afetos fossem simbolizados e compartilhados, favorecendo deslocamentos e ressignificações. A profundidade das trocas evidenciam a potência da proposta extensionista, apontando para a relevância de iniciativas semelhantes como forma de inserir a psicanálise em espaços de convivência e reflexão coletiva no contexto universitário.

#### **4. CONSIDERAÇÕES**

Considerando os objetivos propostos, conclui-se que o clube do livro, enquanto atividade de extensão, alcançou plenamente seus objetivos. Para a universidade, a iniciativa demonstrou a viabilidade e a potência do diálogo sobre a psicanálise para além dos formatos tradicionais, fortalecendo o papel social da instituição ao aplicar conceitos teóricos em uma práxis que beneficia diretamente a comunidade. Para os participantes, tanto universitários quanto externos à instituição, o projeto se efetivou como um espaço seguro e acessível de escuta qualificada e elaboração simbólica coletiva, suprindo uma demanda por espaços de reflexão sobre a subjetividade que não se enquadram necessariamente em um contexto clínico. Além disso, a realização do clube do livro no formato online foi essencial para ampliar os muros da universidade, o que permitiu que a proposta do clube alcançasse um público mais amplo e diverso, reforçando o caráter inclusivo e acessível da extensão universitária a pessoas fora do contexto acadêmico.

Dante do impacto positivo observado, recomenda-se a institucionalização da proposta como uma atividade de extensão contínua, a fim de consolidar este canal de diálogo entre a universidade e a comunidade. Sugere-se, ademais, a elaboração de um artigo ou protocolo metodológico a partir da experiência, visando disseminar o modelo para outros cursos e instituições como uma ferramenta de baixo custo e alto impacto para a promoção de saúde e cultura. Por fim, propõe-se o desenvolvimento de um projeto de pesquisa vinculado, que possa investigar com maior profundidade os efeitos subjetivos do dispositivo, gerando produção científica que legitime e amplie tais práticas no cenário acadêmico.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios (1907). In: FREUD, Sigmund. O delírio e os sonhos na “Gradiva” de W. Jensen. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 184-191.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 239-287.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: LACAN, Jacques. Outros escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 248-264.

SUY, Ana. A gente mira no amor e acerta na solidão. Rio de Janeiro: Record, 2022.